

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE HISTÓRIA

O Valor do Trabalho no Sistema Capitalismo Atual

Trabalho de monografia, sob
orientação do profº DRº:
Wenceslau Gonçalves Neto

Weila de Cássia Assis Franco

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA COMS
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antiga Mineirão)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. — BRASIL

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA - UFU
N.º 1372-
Data 28/09 / 2000

Universidade Federal de Uberlândia

1.593

S.9
C

Banca

Wenceslau Gonçalves Neto

Heloísa Helena Pacheco Cardoso

Hermetes Reis de Araujo

Agradecimentos

Agradeço a Deus, por acreditar cada vez mais que o mundo pode ser mais humano.

Agradeço especialmente a minha mãe que sempre acreditou em mim.

Agradeço ao profº João Marcos, por tamanha paciência .

Agradeço ao João Batista, pela sua grande amizade.

Agradeço ao profº Manoel, à profº Vera e ao profº Agnaldo Barbosa, por me ajudar a ver o mundo de maneira diferente.

Agradeço à Jane que foi minha irmã e companheira

Agradeço enfim ao meu orientador profº Wenceslau pela enorme ajuda na construção desse tema, que ao meu ver se constitui num dos grande problemas atuais.

“Eu acordo p’rá trabalhar

Eu durmo p’rá trabalhar

Eu corro p’rá trabalhar

Eu não tenho tempo livre de ser

De nada ter que fazer”

Paralamas do sucesso

Índice

Introdução	1
Capítulo 1	3
Capítulo 2	9
Capítulo 3	15
Considerações Finais	22
Bibliografia Básica	25
Bibliografia Complementar.....	29



INTRODUÇÃO

Discutir o valor do trabalho no sistema capitalista atual, representa uma revisão e uma reavaliação de alguns paradigmas que estão sendo considerados instáveis em nossa sociedade. Como avaliar o valor do trabalho numa sociedade em que não se encontra trabalho? Como entender a construção da dignidade do trabalho tão presente nos processos históricos anteriores? O que aconteceu de novo para que o homem trabalhador fosse excluído do direito de sobrevivência? Que “fenômeno” é esse que nos faz tornar tão descrentes de qualquer possibilidade de conseguirmos um emprego ou nos mantermos tranquilos e estáveis com nossa condição de trabalho?

Diante dessas indagações procuramos construir nosso trabalho monográfico. Tanto, no instante em que nos debruçamos nas evolutivas etapas do sistema capitalista, quanto nas considerações finais, procuramos nos posicionar através de conceitos e até mesmo por meio de dúvidas e indagações que em, nosso ver, são cruciais para o entendimento da sociedade contemporânea, que estamos inseridos.

Na construção dos primeiros capítulos procuramos compreender alguns conceitos referentes às várias etapas do sistema capitalista de produção. Através desse pequeno estudo sobre a cooperação, manufatura, a indústria moderna, o taylorismo e o fordismo, propusemos as seguintes indagações: Quais foram as estratégias que a classe burguesa se utilizou, para que o trabalhador trabalhasse não somente para garantir sua sobrevivência? O que fez a classe

burguesa para que o trabalhador acreditasse que através do seu emprego ele se tornaria um homem digno, e respeitável?

No segundo capítulo, procuramos fazer uma pequena análise dos seguintes processos de trabalho: taylorismo e fordismo. Nesse sentido, destacamos o papel da ciência enquanto ideologia e instrumento que fez com que o trabalhador realmente acreditasse no trabalho enquanto dignidade.

No terceiro e último capítulo, analisamos a ruptura existente dentro da continuidade no sistema capitalista. Procuramos compreender como atualmente o trabalhador vê o trabalho. A dúvida é pertinente, pois o nosso momento histórico de estudo se insere num período de instabilidade, de quebra de paradigmas e ao mesmo tempo de fortes ilusões advindas do enorme sucesso da Internet, enquanto mola mestra da globalização.

Esse é o momento do trabalhador versátil e flexível, da extinção do controle financeiro, da falência da classe média, do imprevisível. O que fazer com os conceitos de trabalho e de desemprego quando estes tornaram-se ilusórios? A história está borbulhando e as angústias desse momento fluído e instável nos acompanham.

CAPÍTULO I

Um breve comentário sobre o comando do capitalista sob o trabalho.

O trabalho humano possui como característica primordial a associação entre o pensar e o agir. Diferentemente de outros animais, o homem consegue ter “discernimento” para construir sua vida de uma maneira “equilibrada” entre “lazer e trabalho”. Ao agir sobre o mundo externo e transformá-lo, ele ao mesmo tempo modifica sua própria natureza.¹

No entanto, no sistema capitalista de produção a unidade entre o pensar e o agir torna-se totalmente dissociada. O comando do capital sobre o trabalho é a consequência formal de o trabalhador trabalhar não para si mesmo, mas para o capitalista e portanto, sob seu controle.²

Consideramos que além da reunião de um número considerável de trabalhadores sob o comando de um mesmo capital, para o sistema capitalista se firmar de fato, tornou-se crucial o aumento da produção, a transformação do homem enquanto mercadoria e a implantação do “estatuto” de liberdade quanto a venda e compra de sua força de trabalho.

Compreendemos que o sistema capitalista de produção possui fases não antagônicas, mas sim, complementares. O objetivo do capitalista não se

¹ MARX, KARL. A transformação do dinheiro em capital. In: O capital: crítica da Economia Política. O Processo de Produção do Capital. RJ. Civilização Brasileira, 1980, pp 370.

² Idem.

encontra em, simplesmente, aprimorar a tecnologia e assim sendo os meios de produção. Mais do que isso, o capitalista somente propõe novas relações de trabalho visando a acumulação.

Nesse sentido, a divisão, do trabalho na produção começa com a análise do processo de trabalho, isto é, com a separação do trabalho da produção em elementos constituintes.³

A cooperação, nesse sentido, fundada na divisão do trabalho, adquire sua forma clássica na manufatura.⁴ Nessa etapa do sistema capitalista de produção, os homens são reunidos sob o comando de um mesmo capital, praticam a mesma espécie de trabalho ou trabalham em ofícios diversos e independentes, por cujas mãos, tem de passar um produto até sua fase acabada.

Enquanto a cooperação não modifica o modo de trabalhar do indivíduo, a manufatura se apodera da força de trabalho de maneira drástica. Na cooperação, o trabalhador precisa de vender sua força de trabalho para o capital, na manufatura a sua força de trabalho não poderá existir de maneira alguma sem o domínio de um “capitalista”.

Na manufatura, o ponto de partida para revolucionar o modo de produção é a força de trabalho, já na indústria moderna o instrumental de trabalho adquire uma forma independente dos limites da força humana.⁵ Nesse

³ BRAVERMAN, Harry. A divisão do trabalho. In: Trabalho e Capital Monopolista: A degradação do trabalho no século XX. 3ª ed. RJ. Zahar, 1981, pp 74.

⁴ MARX, KARL. Divisão do trabalho e Manufatura. In: O Capital. Vol 1. RJ. Civilização Brasileira, 1980, pp 175.

⁵ MARX, KARL. A Maquinaria e a Indústria Moderna. In: O Capital. Vol 1. RJ. Civilização Brasileira, 1980, pp 424.

sentido, compreendemos que além da venda de sua força de trabalho, o homem se vê obrigado a aceitar mais um domínio. Não basta o homem ser dominado pelo próprio homem, também a máquina o comanda de uma maneira “*natural*” e superior ao seu ritmo de pensar e agir.

Na manufatura e no artesanato, o trabalhador se serve da ferramenta; na fábrica serve à máquina⁶. O trabalho, nessa etapa, transforma o homem em um ser “não pensante”. Toda a sua atividade passa a ser uma contínua busca pela velocidade da máquina. O trabalho na fábrica além de exaurir a força física do homem, confisca toda a atividade livre, que ele poderia usufruir.

Na fábrica, os trabalhadores de ambos os sexos se subordinam ao comando de outro homem e da máquina, se submetendo a uma disciplina que vai a limites extremos. Os trabalhadores, nessa fase, são divididos em manuais e supervisores, demonstrando assim uma superioridade daqueles que pensam sobre aqueles que agem. Desse modo, a origem e o sucesso da fábrica não se explica por uma superioridade tecnológica, mas pelo fato dela despojar o operário de qualquer controle e de dar ao capitalista o poder de prescrever a natureza do trabalho e quantidade a produzir.⁷

Nesse sentido, compreendemos que as técnicas de produção e organização do trabalho, no sistema fabril, impõem ao homem dois sentidos que norteiam o ideal capitalista da classe dominante: tornar o trabalho o mais

⁶ (Idem).

⁷ BRAVERMAN, HARRY. Introdução. In: Trabalho e Capital Monopolista : A Degradação do Trabalho no século XX. 3ª ed, RJ, Zahar, 1981, pp 41.

produtivo possível e impor ao trabalhador o rendimento máximo através do esgotamento diário da suas forças físicas e mentais.

A cultura do trabalho está na descultura do trabalhador⁸. Nesse aspecto, consideramos que a qualificação do trabalhador esteja estreitamente ligada ao seu ensinamento da disciplina e submissão. O homem não poderá permanecer com sua maneira de ver, entender e agir no mundo. O trabalho, longe de ser um produto de sua “imaginação”, passa a ser uma força estranha, que o domina e o angustia. Nesse sentido, mais do que dividir o homem entre aquele que pensa e o que age, o capitalista criou a necessidade do trabalho. Mais do que trabalhar torna-se essencial, acreditar no “valor do trabalho”.

Para os capitalistas, mais que aumentar a produção através do esgotamento das forças normais do trabalhador, torna-se essencial a economia dos meios de produção, trazendo sempre ao público a qualidade de seus produtos.⁹ Daí a importância da divisão social do trabalho que alcançará seu “auge” no taylorismo, onde torna-se crucial para o capitalista o conhecimento dos métodos de trabalho para o melhor controle de seus empregados.

Na valorização do mundo das coisas ocorre a desvalorização do mundo dos homens¹⁰. Desse modo, ao estabelecer relações antagônicas de trabalho, as mãos e o cérebro tornam-se estranhos e até mesmo opostos ao

⁸ GORZ, André (org) O despotismo de fábrica e suas conseqüências. In: Crítica da Divisão do Trabalho. 2ª ed, SP, Martins Fontes, 1989, pp 85.

⁹ GORZ, André, (org) Ditadura e democracia na produção. In. Crítica da Divisão do Trabalho. 2ª ed, SP, Martins fontes, 1989, pp 118.

¹⁰ Giannotti, José Arthur. A negatividade histórica do trabalho. In: Origens da Dialética do Trabalho. RGS, Le PM Editores LTDA. 1985, pp 137

homem. Mais importante do que pensar, torna-se essencial o homem se qualificar “tecnicamente” para o aproveitamento de sua força de trabalho, novos valores no decorrer do sistema capitalista são implantados, quase todos opostos à valorização do homem.

A transformação da humanidade trabalhadora em uma “força de trabalho”, em “fator de produção”, como instrumento do capital, é um processo incessante e interminável.¹¹ Sendo assim, mais do que aprimorar os métodos de trabalho, a gerência científica de Taylor, demonstra que é crucial o modelamento da empresa moderna, e de todas as instituições da sociedade capitalista que executam processos de trabalho.

A gerência científica se enquadra numa situação diferente e nova de relação de trabalho, em que o homem é submetido a rígidas e despóticas formas de controle de disciplina. Não bastava criar uma força de trabalho livre e submetida ao controle hierárquico. Segundo Taylor, tornava-se fundamental o uso de métodos coercitivos que habituassem os empregados, fazendo com que os mesmos trabalhassem noite e dia.

Compreendemos que o princípio de Taylor tornou-se fundamental para os posteriores métodos capitalistas. Pois, Taylor interessava-se pelo controle do trabalho em qualquer nível de tecnologia¹². Não bastava o domínio

¹¹ BRAVERMAN, Harry. Habituação do trabalhador ao modo capitalista de produção. In: Trabalho e Capital Monopolista: A Degradação do trabalho no século XX. 3ªed, RJ, Zahar, 1981, pp124

¹² BRAVERMAN, Harry. A Gerência Científica. In: Trabalho e Capital Monopolista. A Degradação do Trabalho no século XX. 3ª ed, RJ, Zahar, 1981, pp 101.

da máquina sobre o homem: a sua força física e a submissão para com aqueles que “sabiam pensar” tornava-se imprescindível.

Nesse sentido, torna-se para nós fundamental considerarmos a importância da “invenção” do modelo científico, nas relações sociais de trabalho. Todas as escolas posteriores ao Taylorismo procuraram um modelo de trabalhador que se enquadrasse nas necessidades do capitalismo em todos os seus momentos históricos.

No taylorismo, ocorre o que podemos dizer de implantação e fixação da disciplina, que utiliza métodos coercitivos para habituar o homem “sem cérebro” e com força física rigorosa ao trabalho. Nos métodos de trabalho posteriores, ocorre o aprimoramento da exploração da força de trabalho. O trabalhador exigido no taylorismo é insuficiente para os capitalistas “*modernos*”. O método de trabalho não poderá ser mais coercitivo. O fordismo, vem representar uma “humanização” nas relações de produção, associada a um aprimoramento na qualificação do trabalhador.

CAPÍTULO II

O aprofundamento da submissão do trabalhador ao capitalista: um pequeno comentário sobre o taylorismo e fordismo.

Torna-se pertinente a discussão do taylorismo em função da sua influência no comportamento e na maneira de viver na sociedade contemporânea. Sobre esse aspecto é de suma importância ressaltar que *“a própria concepção de lazer como tempo de folga, como um tempo livre que se opõe ao tempo de trabalho, revela até que ponto aprofundou-se a oposição entre vida e trabalho”*¹³.

Mais do que influenciar e controlar a vida do operário e disciplinar o espaço fabril, o taylorismo invade outros espaços da sociedade. Tornando “compreensível” o mal estar em que nossa sociedade se depara quando o tempo útil da fábrica é substituído pelo tempo de folga ou de descanso. *“É o homem inteiro que é condicionado ao comportamento produtivo pela organização do trabalho, e força da fábrica, ele conserva a mesma pele e a mesma cabeça”*¹⁴.

O taylorismo, portanto, é também uma representação ideológica do trabalho como atividade fundamental do homem. Sua intenção se direciona em ocupar o trabalhador em todos os momentos, com a finalidade de racionalizar a

¹³ RAGO, Luzia Margareth. Introdução In.: *O que é Taylorismo*. SP. Editora Brasileira, 1986. Pp 8

¹⁴ DEJOURS, Christopher. As Estratégias Defensivas. In: *A loucura do Trabalho*. Estudos de Psicopatologia do Trabalho SP, Cortez, 1989. Pp 46.

produção e obter o máximo de rendimento. Taylor constrói a figura do homem boi, que exercerá sua função de maneira automática, desprovida do pensar. *“Todas as fases do processo do trabalho são divorciadas, tão longe quanto possível do conhecimento e preparo especial, reduzidas a simples trabalhos”*¹⁵.

O sistema Taylor apresenta-se como uma estratégia de dominação burguesa. Mais do que “proporcionar” o trabalho ao homem, torna-se fundamental introjetar o valor e a dignidade do “fazer”, aproveitar o tempo útil. A construção do trabalhador dócil politicamente, traz consigo maior rentabilidade para a classe burguesa, associada ao total consumo e alienação do homem trabalhador.

Taylor, desejando descobrir um método científico de dirigir as fábricas, enumerou alguns princípios básicos de administração, tais como: *“desenvolver para cada elemento do trabalho individual uma ciência que substitua os métodos empíricos do trabalho”*¹⁶. Em outras palavras, esse primeiro princípio, estabelece a separação entre aqueles que pensam e os que fazem; a teoria e a prática. O processo de trabalho deve ser estudado pela burguesia e expropriado, do trabalhador, a fim de exercer seu domínio “inquestionável e natural”.

Posteriormente e interligado ao princípio anterior, o segundo princípio de Taylor tem como objetivo *“selecionar cientificamente depois treinar, ensinar*

¹⁵ BRAVERMAN, Harry divisão do Trabalho. In: *Trabalho e Capital Monopolista: A degradação do Trabalho no século XX*. 3ª ed, RJ, Zahar, 1989. Pp 80.

e aperfeiçoar o trabalho”¹⁷. A concepção, nesse sentido, torna-se uma arma de defesa por parte da classe burguesa que, receosa acerca do “comportamento” do trabalhador, se amedronta com a suposta diminuição que o capital sofrerá, devido ao conhecimento que o trabalhador possui relativo ao seu fazer. A gerência científica será hábil para concepção, planejamento e decisão, ao passo que a execução será “*favorável*” para aqueles trabalhadores passivos e cordiais.

No terceiro princípio “*é preciso cooperar cordialmente com os trabalhadores para articular todo trabalho com os princípios da ciência que foi desenvolvida*”¹⁸, disciplinando e ordenando a prática do trabalhador: “*alienado*” e desprovido dos meios de produção.

No intuito de garantir a centralização do poder de decisão nas mãos da classe dominante, excluindo, assim, os produtores diretos das mercadorias em sua concepção e planejamento, Taylor concluiu seu último princípio, através do seguinte pressuposto: é preciso “*manter a divisão equitativa do trabalho e das responsabilidades entre a direção e o operário*”¹⁹.

Diante dos princípios de organização científica do trabalho, torna-se de suma importância questionarmos a ciência, enquanto “justificativa” da efetivação de práticas tayloristas. “*A ciência, a teoria, têm como função principal contribuir para o conhecimento, contribuir para esclarecer as*

¹⁶ RAGO, Luzia Margareth. Em busca do homem boi. In: *O que é Taylorismo*. SP. Editora Brasiliense, 1986. Pp 20

¹⁷ Idem. Pp 21

¹⁸ Idem pp 22

¹⁹ Idem

*relações existentes entre diversos fenômenos; a ideologia, pelo contrário, tem como função primordial incidir sobre as atitudes e o comportamento dos indivíduos e dos diversos grupos sociais”*²⁰.

É fundamental, antes de prosseguirmos na discussão da “nova” etapa do sistema capitalista de produção, posterior ao taylorismo, assentar um ponto: *“o fordismo, enquanto processo de trabalho organizado a partir de uma linha de montagem, deve ser entendido como desenvolvimento da proposta taylorista? Em que sentido se trata de um desenvolvimento?”*²¹

Em termos técnicos, o fordismo “completou” o taylorismo, ao fixar o trabalhador no posto de trabalho, como ferramentas especializadas, proporcionando o transporte de objetos por meio de uma esteira. No entanto, o fordismo não se enquadra no conceito inovador das práticas capitalistas utilizadas pela classe dominante. A maquinaria, assim como o fordismo, teve como principal premissa fazer com que as mercadorias fossem produzidas com boa qualidade e num ritmo de processo determinado pela máquina.

No entanto, na maquinaria processo de trabalho não é “científico” e “humanizado”. *“Ford retrabalhou os conceitos de divisão do trabalho e produtividade, já superados pela maquinaria, e se preocupou, associado a essa*

²⁰ VEGARA, José Maria. *A organização científica do trabalho: ciência ou ideologia*. In: *A organização Científica do Trabalho*. Lisboa: Estampa, 1974. Pp 156.

²¹ NETO, Benedito Rodrigues. *Marx, Taylor, Ford*. In: *Marx, Ford e Taylor: As forças produtivas em Discussão*. SP Editora Brasiliense 1991. Pp 35.

“reinvenção”, com a performance humana e suas determinações psicofisiológicas”²².

“Os novos valores éticos e morais de compulsão ao trabalho, com a construção da imagem do prazer e do bem advindos do trabalho executado”²³, constituíram uma nova maneira de lidar com os antagonismos e conflitos do capital / trabalho. Ford acreditava que o trabalho, enquanto fator que *“solidariza”* e completa o tão selecionado corpo social, engrandeceria ilusoriamente o homem e , na realidade, social e concretamente, o capital é pertencente ao industriais.

Essa nova ideologia fordista, *“adveio de uma indústria que, por ser “científica”, o que a assemelha ao ideário taylorista, seria de proveito geral, baseada no bem comum, na distribuição de lucros, e na conciliação capital / trabalho”²⁴.* Diferente do taylorismo, que constrói a figura do *“homem boi, desprovido do pensar”* , o fordismo constrói a imagem do homem trabalhador, sendo um dos membros indispensáveis ao crescimento da sua família, que passa a ser a *“fábrica”*.

Mais do que trabalhar para ganhar prêmios individuais, torna-se essencial no fordismo, que todos os membros que pertencem à fábrica, trabalhem e vigiem o comportamento de seus *“companheiros”*, para a grandeza

²² NETO, Benedito Rodrigues Marx , taylor, ford. In: Marx, Ford e Taylor: As forças Produtivas em Discussão . SP. Editora Brasiliense. 1991. Pp 57.

²³ ANTONACCI, M. Antonieta. O Trabalho em nome da Ciência e da Razão . In: A vitória da Razão. SP, Editora MARCO ZERO, 1993. Pp 83.

²⁴ Idem. Pp 84.

de todos. Nesse sentido, compreendemos que a presença da solidariedade entre os trabalhadores seja fundamental, para a afirmação dessa “nova” etapa do sistema capitalista. A solidariedade “só é possível na medida em que a personalidade individual seja absorvida pela personalidade coletiva”²⁵

Diante do que foi dito, compreendemos que Ford, “humanizou” ideologicamente o processo de trabalho, ao mesmo tempo que investiu no rompimento da real solidariedade operária. Ford aperfeiçoou o controle do tempo e do movimento, voltando à estrutura da maquinaria no que tange à qualidade e à dependência do homem à máquina.

No entanto, de maneira “científica”, o fordismo aprimorou a organização do trabalho, graças ao estudo da máquina e do homem, feito por Taylor.

²⁵ RODRIGUES, José Alberto. Solidariedade, Orgânica. In: Durkheim. SP Editora Ática, 1995. Pp 83.

CAPÍTULO III

Algumas questões sobre a rediscussão do trabalho nos dias atuais

*“A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade”*²⁶. O momento que chamamos de nova etapa do sistema capitalista é tudo isso e ao mesmo tempo uma unidade dentro da desunidade, uma luta dentro da suposta harmonia e bem estar, uma contradição que mistura angústia e espetáculo.

Afinal, o que vem a ser essa situação moderna? Compreendemos que, nesse sentido, jamais poderemos desprezar a confluência e a problemática de novos conceitos, que nos induzem a falarmos sobre a ruptura existente dentro da continuidade diante das várias etapas do sistema capitalista. A mundialização e precarização das relações de trabalho tornam-se pertinentes em nossa análise sobre o toyotismo.

Implantada nas década de 50 a 70 na Toyota, a nova fase do sistema capitalista de produção propõe revolucionários métodos de exploração do homem burguês sobre o homem trabalhador. Nesse sentido compreendemos que vale a pena ressaltar de maneira sucinta o que vem a ser essa nova “visão” da classe burguesa. No Toyotismo:

- ♦ A produção é puxada pela demanda e o crescimento pelo fluxo.

- ◆ A decomposição do trabalho em várias operações favorece a empresa, pois combate o desperdício.
- ◆ A flexibilidade do aparato produtivo e sua adaptação às flutuações de produção, acarreta a flexibilização da organização de trabalho.
- ◆ O trabalhador deverá tornar-se polivalente e o seu trabalho será de equipe.
- ◆ Para organizar a produção se instala o Kanban, que serve como “*placa*” fundamental para o método rápido, fácil e essencial.
- ◆ A Toyota impõe aos seus fornecedores seu sistema de produção: máxima flexibilidade.

E o que esses revolucionários métodos trazem de novo à vida do trabalhador? A intensificação do trabalho atinge seu auge, o operário é obrigado a fazer horas extras ou a empresa contrata assalariados temporários, e o trabalhador terá que ser forçadamente versátil e polivalente. Esse é o momento da substituição do homem que possui “conhecimento restrito” pelo homem versátil, competente e dinâmico. Essa é a fase do sistema capitalista, em que o trabalhador não poderá mais estar submetido à máquina, mas sim, ao lado dela, enquanto peça constituinte.

Esse resultado da acumulação flexível sobre o mercado de trabalho é impressionante: instaurou-se um novo patamar de desemprego estrutural e proliferação do trabalho precário. De acordo com essa problemática,

²⁶ BERMAN, Marshall. Modernidade- Ontem, Hoje e Amanhã. In: Tudo que é sólido Desmancha no Ar. SP: Companhia das letras, 1986. Pp 15.

constatamos que é justo compreender que essa nova fase do sistema capitalista, agora “globalizada” leva à “urgente necessidade de rever o que fazem com as coisas, as idéias e as palavras”²⁷.

Cabe compreendermos porque associarmos essa nova etapa do sistema capitalista com exclusão social e revisão de tudo que está sólido e instituído? O sistema financeiro fugiu do controle coletivo²⁸, uma quantidade importante de seres humanos já não é mais necessária ao pequeno número que molda a economia e detém o poder²⁹. A nova pobreza difere fundamentalmente por sua origem. Trata-se de pessoas que pertenciam à ampla classe média, que se criava em função da conquista dos anos dourados, e que perderam seus empregos para os robôs ou para trabalhadores de países periféricos³⁰. Uma das dimensões cruciais da sociedade do trabalho está na contradição do capital mundializado e do movimento do trabalho ainda fixo, territorializado.

Essa é a sociedade sem futuro, em que sua substância foi consumida para a manutenção do presente capitalista.³¹ Nesse aspecto fundamental que pertence às mudanças profundas da globalização e, assim sendo, dessa nova ordem internacional, notamos uma reestruturação do capital inspirada numa inovadora onda tecnológica. Nesse instante, torna-se de suma importância

²⁷ SANTOS, Milton. Nação Ativa, Nação Passiva. Folha de São Paulo, 21/11/99, pp 3

²⁸ ALVES, Giovanni. Introdução. In: Trabalho e Mundialização do Capital. A nova Degradação do Trabalho na Era da Globalização. Londrina Editora Práxis, 1999. Pp 23.

²⁹ FORRESTER, Viviane. O Horror Econômico. Editora Unesp, 1997. Pp 136.

³⁰ SINGER, Paul. Globalização, precária do trabalho e exclusão social. In: Globalização e Desemprego: Diagnóstico e Alternativas. SP: Contexto, 1999.

³¹ KURTZ, Robert. Capitalismo nas Estrelas. Folha de São Paulo. 7/11/99, pp8.

comentarmos de maneira bastante sucinta o papel dessa mola mestra da nova fase do sistema capitalista, que se configura na chamada **Internet**.

Enquanto estratégia, e ao mesmo tempo resultado dessa sociedade vazia nos seus aspectos culturais, políticos e espirituais, essa arma fundamentalmente necessária para todo indivíduo que queira sobreviver no mundo competitivo e de desemprego estrutural, se configura como uma das expressões desse mundo de ilusão criado pela burguesia, no que se refere à igualdade de oportunidades.

Mais uma vez, vale a pena refletirmos sobre a geração de insegurança do mundo do trabalho, verdadeiro iceberg cuja ponta mais visível é a expansão do desemprego³². Em meados da década de 90, percebemos uma drástica redução do emprego industrial, um crescimento exagerado de serviços, e uma intensa e assustadora precarização das relações de trabalho, de emprego e de remuneração. Com as mudanças que vêm ocorrendo na estrutura da produção industrial, que significam uma intensa redução do nível de assalariamento formal, comparativamente ao ritmo da atividade da economia, o problema do desemprego assume nova configuração. As possibilidades de emprego e recolocação no setor têm se restringido, contribuindo para a permanência de um desemprego alto e prolongado³³.

³² SANTOS, Anselmo Luiz. Emprego e Concorrência Desregulada incerteza e desafios. In Crise e Trabalho no Brasil. SP, Editora Scritta, 1997. Pp 31

³³ SANTOS, Anselmo Luiz dos . Racionalidade Econômica e Heterogeneidade nas relações e nos Mercados de Trabalho no Capitalismo Avançado. In: Crise e Trabalho no Brasil. SP, Editora Scritta, 1997, pp 99.

Reconhecemos que a não criação e desenvolvimento de empregos no setor industrial, criam um novo tipo de trabalho, baseado na subcontratação e na proliferação de serviços pessoais. Ao trocar os empregos industriais e de serviços formalizados pelos empregos não formalizados, o sistema capitalista em sua nova fase, permitirá a consolidação de uma nova forma de exclusão social, sendo percebida através do pânico dos “*qualificados*” e sem emprego, da juventude sem perspectiva e de todo o “mundo” que morre de medo de tornar-se desempregado.

Pela primeira vez, a massa humana não é mais necessária materialmente, e menos ainda economicamente, para o pequeno número dos que detêm os poderes e para os quais as vidas humanas que evoluem fora de seu círculo íntimo só têm interesse, ou mesmo existência - isso se percebe cada vez mais de um ponto de vista utilitário³⁴.

Diante dessas preocupações até aqui analisadas, saltam aos nossos olhos e nos inquietam algumas novas formas de exclusão, de conceber o trabalho e de conceber o mundo agora globalizado. Um “espectro ronda” o capitalismo nos dias atuais é a insegurança e o fracasso. Mas quem ganha com a nova desigualdade social? Quem se beneficia do maravilhoso mundo da Internet? O que vem a ser esse trabalho em nova concepção? Que importância possui para a classe dominante o querer do trabalhador desesperado pelo

³⁴ FORRESTER, Viviane. O Horror Econômico. SP: Editora Unesp, 1997. Pp 136.

emprego? Como reconhecer o valor do trabalho no sistema capitalista atual, dentro da sociedade do “não trabalho”?

Essa sociedade não tem à sua disposição os recursos culturais ou as sanções econômicas necessárias para estabilizar a centralidade subjetiva da orientação para o trabalho³⁵. Os valores, em todas as esferas, desde a familiar até mesmo de empreendimentos, foram transformados numa constante mutação. A verdade é que, *“como Marx vê, tudo o que a sociedade burguesa constrói é construído para ser posto abaixo”*³⁶.

A modernidade é fluida, é instável e todos os paradigmas são ou estão quebrados! Será justo engolirmos esse discurso de prosperidade baseado no trabalho, quando não existe mais trabalho? Será normal exigir o que não existe como condição necessária de subsistência? Deveremos comungar com a burguesia da explicação atual do *“caos e miséria em qualquer canto”* enquanto um estado natural das coisas e da história?

Alguém se diverte da vergonha que os não assalariados possuem diante da ameaça da miséria ou até mesmo da real e concreta degradação do ser humano? Os desempregados, vítimas do desaparecimento do trabalho, são tratados e julgados pelos mesmos critérios usados no tempo em que os empregos eram abundantes³⁷.

³⁵ OFFE, Klaus. Trabalho : a categoria sociológica chave? In: *Capitalismo Desorganizado*. SP. Editora Brasiliense. 1985. Pp 194.

³⁶ BERMAN, Marshall. Autodestruição Inovadora. In *Tudo que é sólido desmancha no ar*. SP: Companhia das Letras. 1986. Pp 97.

³⁷ FORRESTER, Viviane. *O Horror Econômico*. SP. Editora Unesp, 1997. Pp 11.

- ◆ Por que projetar o mundo através da cibernética?
- ◆ Por que nos colocarmos enquanto desempregados “*temporários*”?
- ◆ Por que a sociedade capitalista atual precisa viver do caos?
- ◆ Por que a burguesia se firma através dos não assalariados, “*pacíficos*”, desesperados e sem crença no futuro?

A atual crise pela qual estamos inseridos, convoca-nos a uma sensação de grande mal estar. No entanto, se pensarmos em alternativas capitalistas para o problema do desemprego nos limitaremos em geral a vislumbrar o treinamento profissional ou até mesmo algum financiamento proporcionado ao trabalhador que “*queira*” abrir seu próprio negócio.

Consideramos que essas alternativas não resolvem na realidade concreta o caos e a descrença existente nesse período contemporâneo. Atualmente falta aos novos competidores experiência profissional, conhecimentos, clientelas e qualificação, que será sua “*corrida contra o tempo*” para alcançar a constante mutação das inovações tecnológicas do sistema capitalista de produção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Estamos vivendo nos dias atuais um clima geral de insegurança, medo e instabilidade. O trabalho, mola mestra dos períodos históricos anteriores, em que *“tudo que era sólido não se desmanchava no ar”*, assim como todos os valores e conceitos, está sendo postos em discussão.

Compreendo que nosso momento não se insere no universo de certezas e sim de dúvidas. Nesse sentido, ao nosso ver, após o trabalho monográfico, o que resta são múltiplas dúvidas e raríssimas certezas. Expressei-as, a partir de algumas questões que colocarei à frente:

- O trabalho ainda serve para caracterizar nossa sociedade?
- Seria pertinente o estudo “daquilo” que não mais existe?
- Como analisar o fluído e o instável?
- Atualmente, o trabalho dignifica algum trabalhador?

O capitalismo assim como a categoria chave pela manutenção de sua grandeza, o trabalho, atualmente estão sendo rediscutidos. A desindustrialização e a conseqüente proliferação do trabalho informal trouxe para o trabalhador o desemprego e a precarização de suas condições de vida. Todos insistem em acreditar ilusoriamente que o desemprego é temporário, transitório. Enquanto isso, as empresas capitalistas, mergulhadas em mercados globalizados, estão

estabelecendo políticas que ora descartam o funcionário, ora o contratam por um curto espaço de tempo.

A proposta da redução de jornada torna-se uma opção ilusória de amenizar o problema dos “*sem crença no futuro*”. Os trabalhadores além de perderem direitos trabalhistas estão sendo “*obrigados*”, devido à crise econômica desse período, a fazerem jornadas muito longas. Vale a pena ressaltarmos que até mesmo os sindicatos que possuíam uma atitude combativa, estão a favor dessa proposta. A questão a ser discutida no momento, de acordo com essas “lideranças”, não está na luta contra as políticas do capitalismo que tanto nos oprimem. Ao contrário, a intenção está em empregar o maior número de pessoas possíveis para que possam se adequar no mercado consumidor.

O sistema capitalista necessita oferecer à massa dos excluídos uma oportunidade real e concreta de se tornarem dignos, trabalhando para si mesmos, sem opressão e sem domínio do capitalista. O poder público deverá cumprir com sua função de utilizar os impostos para o bem social. Nesse sentido, torna-se de uma importância ressaltarmos o papel de um “*banco do povo*”, que socorria todo e qualquer trabalhador que não possua os meios de produção e o capital.

O que considero mais relevante nessa discussão sobre as propostas que amenizam o caos, a miséria, o desemprego e a exclusão, é justamente a questão dos valores que possuímos e necessariamente teremos que romper, para que possamos viver com um mínimo de respeito e dignidade.

Nós, os trabalhadores, precisamos romper com os valores da sociedade tradicional capitalista. Precisamos ousar! Necessitamos fazer uma análise primeiramente interna que seja capaz de romper com o individualismo, com a hipocrisia e com o desejo do lucro. Precisamos equilibrar o trabalho e o lazer, priorizar os valores que não sejam somente os de mercado e nos predispor a sentir qualquer injustiça que faça com que não sejamos mais totalmente seres humanos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ABREU, Romeu Carlos Lopes de. CCQ = Círculos de Controle de Qualidade. RJ. Quality Mark, 1991.

ALVES, Giovanni. Trabalho e Mundialização do Capital. A Nova Degradação do Trabalho na Era da Globalização. Londrina, Editora Práxis, 1999.

ANTONACCI, Maria Antonieta. A Vitória da Razão. SP. Editora Marco Zero, 1993.

BERMAN, Marshall. Tudo que é Sólido Desmancha no ar: a aventura da modernidade. SP, Companhia das Letras, 1986.

BRAVERMAN, Harry. Trabalho e Capital Monopolista: A Degradação do Trabalho no século XX. 3ª edição, RJ, Zahar, 1981.

BOTTOMORE, Tom. Dicionário do Pensamento Marxista. RJ, Jorge Zahar Editor, 1988.

CARNOY, Martín e Levin, Herry M. Escola e Trabalho no Estado Capitalista. SP, Cortez, 1987.

DEJOURS, Christopher. A Loucura do Trabalho. SP, Cortez, 1989.

FORRESTER, Viviane. O Horror Econômico. SP, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

GIANNOTIN, José Arthur. Origens da Dialética do Trabalho. Estudos sobre a lógica do jovem Marx. L e PM Editores Porto Alegre. Rio Grande do Sul. 1985.

GOMES, Cândido Alberto. O jovem e o Desafio do Trabalho. SP, EPU. 1990.

GORZ, André (org). Crítica da Divisão do Trabalho. 2ª edição, SP, Martins Fontes, 1989.

GOUNET, Thomas. Fordismo e Toyotismo na Civilização do Automóvel. SP, Boitempo Editorial, 1999.

KURTZ, Robert. Capitalismo nas Estrelas. Folha de São Paulo. 7/11/99 pp 8.

LUBBEN, Richard T. JUST – IN – TIME: Uma Estratégia Avançada de Produção . SP. Editora MC GRAW – HILL, 1989.

MARX, Karl, A Ideologia Alemã. SP. Editora Moraes. 1984.

MARX, Karl. O Capital: Crítica da Economia Política. O Processo de Produção do Capital. RJ. Editora Civilização Brasileira, 1980.

MILLS, C. Wright. A Elite do Poder. 3ª edição, RJ, Zahar, 1975.

NETO, Benedito Rodrigues. Marx, Ford e Taylor: As forças Produtivas em Discussão. SP. Editora Brasiliense, 1991.

OFFE, Klaus. Capitalismo Desorganizado. SP. Editora. Brasiliense, 1985.

ORTIZ, Renato. Mundialização e Cultura. SP: Brasiliense, 1988.

RAGO, Luzia, Margareth. O que é Taylorismo. SP. Editora Brasiliense, 1986.

RODRIGUES, José Alberto Durkheim. SP. Editora Ática, 1995.

SANTOS, Anselmo Luiz dos. Crise e Trabalho no Brasil. SP, Editora Scritta, 1997.

SANTOS, Milton. Nação Ativa. Nação Passiva. Folha de São Paulo. 21/11/99, pp 3.

SINGER, Paul. Globalização e Desemprego: diagnóstico e alternativas. 3ª ed. SP: Contexto, 1999.

TOLEDO, José Carlos de . Qualidade Industrial: Conceitos, sistemas e estratégias. SP: Atlas, 1987.

VEGARA, José Maria. A organização Científica do Trabalho. Lisboa: Estampa, 1974.

VILLAS- BOAS, Sidney. Círculos de Controle de Qualidade. RJ: CNI, Departamento de Assistência à Média e Pequena Indústria, 1989.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado. Lisboa, Presença, 1980.

ANTUNES, Ricardo. Adeus ao trabalho? : ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do trabalho. SP. Cortez, 1999.

BAIROCH, Paul. Revolução Industrial e Subdesenvolvimento. SP, Brasiliense, 1976.

CARVALHO, Ruy de Quadros. Projeto de Primeiro Mundo Com Conhecimento e Trabalho do Terceiro? Campinas, DPCT/ IG/UNICAMP, 1992.

CEPAL – Comisión Económica para América Latina y el Caribe. Educación y Conocimiento: Eje de la Transformación Productiva con Equidad Santiago (Chile) , Naciones Unidas, 1992.

CHIAVENATTO, Idalberto. Recursos Humanos. SP, Atlas, 1991.

DIESAT, Departamento Intersindical de Estudos e Pesquisas de Saúde e dos Ambientes de Trabalho. Insalubridade: Morte Lenta no Trabalho. SP, Oboré, 1989.

DINIZ, Eli. Crise, Reforma do Estado do Estado e Governabilidade. RJ. Fundação Getúlio Vargas, 1997.

FERRET, Celso João et alli (org) Novas Tecnologias, Trabalho e Educação: Um debate multidisciplinar. Petropólis. Vozes, 1996.

FLEURY, Afonso CC e Vargas, Nilton (org). Organização do Trabalho : Uma Abordagem Interdisciplinar – Sete Estudos sobre a Realidade Brasileira. SP, Atlas, 1987.

FLEURY, Maria Teresa Leme e Fischer, Rosa Maria (coord). Processo e Relações de Trabalho no Brasil . SP, Atlas, 1987.

FLEURY, Maria Tereza Leme e Fischer, Rosa Maria. Cultura e Poder nas Organizações. SP, Atlas, 1990.

FOUCAULT, Michel. História da Loucura. SP, Perspectiva, 1978.

_____ Microfísica do Poder. 3ª edição, RJ, Graal, 1982.

_____ Vigiar e Punir. Petrópolis, Vozes, 1983.

FRIEDMANN, Georges. O Trabalho em Migalhas : Especialização e Lazeres.
SP, Perspectiva, 1983.

GITAHY, Leda (org) . Reestructuración Productiva, Trabajo y Educación em América Latina. Campinas: IG/ UNICAMP, Buenos Aires: RED C D – CENEP, 1994.

GITAHY, Leda; Rabelo. Flávio, Costa, Mariac. Inovação Tecnológica, Relações Industriais e Subcontratação . Campinas, DPCT/ IG/ UNICAMP, 1991

GITAHY, Leda e Rabelo, Flávio. Educação e Desenvolvimento Tecnológico: O caso da indústria de autopeças. Campinas, DPCT/ IG/ UNICAMP, 1991.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio; Agier, Michel, Castro Nadya Araújo. Imagens e Identidades do Trabalho. SP, Hiciter, 1995.

IANNI, Octávio. A Era do Globalismo. 3ª edição, RJ, Civilização Brasileira, 1997.

KAST, Fremont E. e ROSENZWEIG, James E. Organização e Administração:

Um Enfoque Sistêmico. 2 v, 2ª edição, SP, Pioneira, 1980.

LEITE, Márcia de Paula. O Futuro do Trabalho: Novas Tecnologias e

Subjetividade Operária. SP, Scritta/ FAPESP, 1994.

RAGO, Luzia Margareth. Do Cabaré ao Lar; A Utopia da Cidade Disciplinar.

Brasil: 1980 – 1930. RJ. Paz e Terra, 1985.

REIS, Ulisses A; Rodrigues, Aroldo e Vieira, Élio. Educação e Produtividade.

Salvador/ RJ, Fundação Emílio Odebrecht/ Florense Universitária, 1985.

SEGNINI, Liliana. A Liturgia do Poder: Trabalho e Disciplina. SP, EDUC,

1998.

SELIGMANN, Silva, Edith. Desgaste Mental no Trabalho Dominado. SP/ RJ,

Cortez / Editora UFRJ, 1994.

SWEEZY, Paul M. Teoria do Desenvolvimento Capitalista. 4ª edição, RJ,

Zahar, 1976.

TOLEDO, Flávio, de . O que são Recursos Humanos. SP, Brasiliense, 1982.

TOMPSON, Edward P. A Formação da Classe Operária Inglesa. RJ, Paz e Terra, 1987.

TRAGTENBERG, Maurício. Burocracia e Ideologia. SP, Ática, 1997.

TRAGTENBERG, Maurício. Administração, Poder e Ideologia. SP, Moraes, 1980.

VALE, Rogério. "Automação e Racionalidade Técnica". Revista Brasileira de Ciências Sociais, 6 (17): 53-67, out 1991.

WEBER, Marx. Economia e Sociedade. Fundamentos da Sociedade Compreensiva. Vol. 1, Brasília, Editora da UNB, 1991.

WEBER, Marx. Ensaio de Sociologia. 3ª edição, RJ, Zahar. 1974.